

NATURALIZAR A MILITARIZAÇÃO: REPETIÇÃO, VIGILÂNCIA E ESPETÁCULO NAS FOTOGRAFIAS DE GUERRA NA COLÔMBIA

ANA LUISA FAYET SALLAS,
CLAUDIA SOLANLLE GORDILLO ALDANA*
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PARANÁ

Resumo: Este artigo reflete sobre a naturalização da militarização na Colômbia em um contexto de guerra durante os governos de Álvaro Uribe Vélez (2002-2010) e Juan Manuel Santos (2010-2014). A pergunta que estrutura a análise é como a militarização se tornou um valor desejável para a segurança das multidões? A nossa resposta abrange três dimensões: 1) a repetição torna o militar invisível; 2) a vigilância é uma prática rotineira que estabelece o imaginário de segurança; e 3) a guerra é um espetáculo de consumo que anima as paixões. Esta análise é feita nas comunidades San Carlos (Antioquia), Toribío (Cauca) e Buenaventura (Valle del Cauca) por meio de fotografias publicadas em jornais nacionais e regionais colombianos.

Palavras-chaves: Guerra Colômbia, militarização, repetição, vigilância, espetáculo.

Abstract: The purpose of this paper is explain the naturalization of the militarization in Colombia in a war context during government's Álvaro Uribe Vélez (2002-2010) and Juan Manuel Santos (2010-2014). The question is How the militarization becomes a value for the security of crowds? Our answer has three dimension: 1) the repetition turn the military invisible, 2) the surveillance is an ordinary practice that sets the imaginary of security, and, 3) the war is a spectacle for consuming that promote passions. This analysis is about the communities San Carlos (Antioquia), Toribío (Cauca) e Buenaventura (Valle del Cauca) by means of photos published in national and region Colombian journals.

Keywords: War Colombia, militarization, repetition, surveillance, spectacle.

*Ana Luisa Fayet Sallas: Docente da Universidade Federal de Paraná (UFPR, Brasil). Pós-doutora em Sociologia (Colégio do México/MX-2012/CAPES), doutora em história com formação em antropologia social. / Claudia Solanlle Gordillo Aldana: Candidata a doutora em sociologia pela Universidade Federal de Paraná (UFPR, Brasil). Mestre em estudos culturais com formação em comunicação social e jornalismo. Bolsista OEA-GCUB.

Revista Sans Soleil - Estudios de la Imagen, Vol 9, 2017, pp. 94-114
www.revista-sanssoleil.com
Recibido: 10-01-2017
Aceptado: 20-04-2017

INTRODUÇÃO

A Colômbia tem como prática rotineira relacionar segurança com militarização. Encher as ruas com militares em dias corriqueiros, expor suas armas de guerra, seu equipamento sofisticado e fazer revistas em qualquer rua da cidade ou estrada são ações que no senso comum provêm segurança. A repetição desta prática por anos impôs a figura do soldado pronto para a guerra como mais uma presença até ela parecer desapercibida.

Os soldados são vestidos, fabricados, produzidos e tornam-se instrumentos que ativam a máquina bélica do aparelho de Estado. A potência do soldado está ancorada nesses aparelhos que o transformaram em mais um outro aparelho e na institucionalidade estatal que o protege e impulsiona a destruir. Este corpo codificado com a potência tecnológica da guerra é desprovido de humanidade sensível e preenchido da força de “fazer matar” que legitima a defesa da nação. Defender a nação, o que se pretende comum a todos, é o argumento que legitima a morte, a barbárie, a existência dos soldados. Disso a sua importância para o sistema.

Todos eles, extensões do poder institucionalizado lideram campanhas de morte contra a população, validando o princípio de Michel Foucault “fazer morrer e deixar viver”, anunciando o poder do soberano sobre o súdito para manutenção do controle¹. Assim, o poder de administrar os corpos de uma nação está mediado pelo exercício de selecionar, expulsar, fazer sofrer e matar, por isso sua capacidade indomável de destruição institucionalizada.

Objetos e soldados se fundem em um só para lembrar-nos que sua potência se localiza na constante de “fazer matar”, o que importa é a tentativa permanente, seu processo, sua enunciação em si, a ameaça. O ato de matar sob esta lógica resulta menos importante que a latência da morte; no entanto, o devir se relaciona com a suspensão de um tempo que ainda

não chega, um tempo passível e dominante de tornar-se morto.

É sobre isso que este artigo trabalha: refletir sobre as formas como a militarização tem-se colocado como um valor, como uma estratégia valiosa e necessária para a defesa do povo colombiano, tendo como foco de análise três estratégias: 1) as formas como a repetição invisibiliza o militar e suas complexas relações com a psicanálise; 2) as formas como a vigilância se institucionaliza mediante práticas panópticas; e 3) a espetacularização da guerra para o consumo cotidiano. Acreditamos que a junção destas três dimensões se dirigem a uma militarização que é aceita, desejada e naturalizada como algo legítimo para a segurança. Isto, leva-nos pensar o que é segurança em uma nação que espalhou a guerra como uma performance?

Estas reflexões se estruturam a partir da análise de fotografias jornalísticas publicadas entre 2002 e 2014 nos jornais colombianos *El Tiempo*², *El Espectador*³, *El País*⁴, *El Liberal*⁵ e *El Mundo*⁶, sendo elas selecionadas de um corpus de 112 fotos⁷. Nelas, os soldados são fotografados no espaço público das comunidades San Carlos (Antioquia), Toribío (Cauca) e Buenaventura (Valle del Cauca) levando em prática as políticas de defesa e segurança dos governos de Álvaro Uribe Vélez (2002-2010) e Juan Manuel Santos (2010-2018). As três comunidades são relevantes porque seus territórios têm sido muito vulneráveis à guerra. Assim sendo, o *corpus* de análise são: duas fotos

2. Este jornal é um dos produtos da *Casa Editorial El Tiempo* com maior circulação na Colômbia, o seu dono é o empresário Carlos Sarmiento Angulo. O jornal nasceu em 1911 com ideologia conservadora republicana para depois ser da corrente liberal.

3. O jornal *El Espectador* tem 129 anos de existência, sendo o mais antigo. Sua ideologia é de “extremo-centro” procurando mais formatos de opinião e análise do que de notícia. Sua principal filial em Bogotá foi foco de atentados dos narcotraficantes durante a década dos 90.

4. É o jornal mais importante da região do Valle del Cauca, fundado em 1950 por um prestigiado empresário.

5. *El Liberal* é um jornal tradicional da região do Cauca fundado em 1938. Tem sido administrado pela família Caicedo sobrevivendo a uma crise em 2012 quando começa a chamar-se *El Nuevo Liberal*.

6. *El Mundo* é um jornal da cidade de Medellín desde 1979. Destaca-se por apresentar novidades noticiosas no campo jornalístico.

7. Este *corpus* faz parte de um capítulo da pesquisa de doutorado de uma das autoras desse texto.

1. Michel Foucault, *Seguridad, territorio, población*, Curso en el Collège de France, 1977-1978, (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009), 131-135.

de Toribío (fotos 1 e 6), três fotos de Buenaventura (fotos 2, 3 e 8) e, enfim, três fotos de San Carlos (fotos 4, 5 e 7).

O artigo está organizado em cinco partes, levando em consideração as estratégias antes descritas. A primeira parte apresenta um breve contexto da guerra na Colômbia, localizando o leitor nas características gerais dela com foco nas comunidades analisadas. A parte dois apresenta as políticas de segurança dos governos de Álvaro Uribe Vélez e Juan Manuel Santos, sublinhando as formas de ações militares que foram espalhadas mediante um modelo de controle rotineiro e de propaganda militar. A terceira parte reflete sobre a repetição como a primeira forma de naturalizar o militar como segurança, embasado na teoria da psicanálise de repetição de Sigmund Freud e de repetição e diferença do filósofo Gilles Deleuze. A quarta parte reflete sobre a naturalização do militar a partir da vigilância como um valor significativo que tem a potência de proteger-nos a todos, porém, criando uma estratégia panóptica de quem olha e quem é olhado. Aqui o olhar cria fronteiras, divide e distância entre o institucional e os “outros”, instaurando um tipo de poder vertical. Na parte cinco abordamos a naturalização a partir do conceito de espetáculo de Guy Debord permitindo-nos dizer que a guerra é um objeto de consumo desejável e como tal merece ser apresentada, performada e espetacularizada. Essa máquina de guerra tem por trás toda as vantagens da tecnologia que faz dela uma ciência que contém um saber não revelado como anuncia Paul Virilio⁸.

CONTEXTO DA GUERRA NA COLÔMBIA

A guerra na Colômbia tem mais de cinquenta e cinco anos de guerra ininterrupta⁹. Nela participaram guerrilhas com ideologias diversas como

as Fuerzas Armadas Revolucionarias del Pueblo (FAR-EP), Ejército de Liberación Nacional (ELN) e o Ejército Popular de Liberación (EPL); grupos paramilitares de extrema direita como as Autodefensas Unidas de Colombia (AUC), Aguilas Negras e Bandas Criminales Emergentes (BACRIM). Também participam narcotraficantes e exército¹⁰.

O Centro Nacional de Memoria Histórica (CNMH) afirma que esta é uma guerra que tem foco na apropriação, exploração e domínio da terra, que sobrevive, simultaneamente, com problemas agrários antigos como deslocamento violento, apropriação da terra, colonização e títulos falsos¹¹. Além da violência promovidas por empresas hidroelétricas e de mineração industrializada.

Nessa disputa de interesses a população é o centro de gravidade, fazendo dela uma guerra contra os civis¹², guerra social¹³ ou guerra por população interposta¹⁴. Isto é, o alvo da guerra é a população que mora em territórios ricos e estratégicos úteis para a consolidação de negócios ilegais.

A pior época da guerra foi entre 1996 e 2005 com a expansão de paramilitares que se disputaram a definição estratégica da geopolítica do conflito armado¹⁵. Período denominado pelos expertos como os anos da tragédia humana, atingindo sua máxima intensidade, extensão e níveis de vitimi-

lutas bipartidárias entre conservadores e liberais durante as décadas de quarenta e cinquenta. Medófilo Medina, “La resistencia campesina en el sur de Tolima”, *Pasado y presente de la violencia en Colombia*, (Bogotá, Cerec, 1986), 233-254. Além disso, acrescenta-se o impacto do contexto internacional, como a ascensão do fascismo, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e o nascimento da União Soviética.

10. Vale a pena sublinhar que embora processos de paz já foram negociados com muitos desses grupos o que está acontecendo agora é uma atomização e nova conformação de grupos armados ilegais.

11. CNMH, ¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad, (Bogotá, Imprenta Nacional, 2013), 21.

12. Eric Lair, “Reflexiones acerca del terror en los escenarios de guerra interna”, *Revista de Estudios Sociales*, No 15, Junio, Bogotá, Universidad de los Andes, (2003): 88-108.

13. Pierre Gilhodes, 1985 “La violencia en Colombia: bandolerismo y guerra social”, *Once ensayos sobre la violencia*, Bogotá: CEREC e Centro Gaitán, (1985).

14. Daniel Pecauc, *Guerra Contra la Sociedad*, (Bogotá: Editorial Planeta, 2001).

15. CNMH, ¡Basta ya!, 162.

8. Paul Virilio e Sylvere Lotringer, *Guerra pura: a militarização do cotidiano*, (São Paulo: Editora brasiliense, 1983).

9. Os antecedentes desse conflito têm origem nas décadas dos anos vinte e trinta, quando latifundiários tinham um forte sentimento de vingança contra camponeses. Depois, chegaram as

zação¹⁶. Considera-se que 2002 foi o ano de maior expansão geográfica da guerra, chegando a 561 municípios¹⁷. Acredita-se que perto de 220 000 pessoas morreram entre 1958 e 2012¹⁸. Desde 2012, as vítimas registradas são 8 472 134, das quais 6 640 917 esperam reparação e assistência social¹⁹.

Em San Carlos, a guerra deixou 33 massacres, 156 desaparecidos forçados, 78 mutilados vitimados pelas minas terrestres e o deslocamento forçado de mais de 19 954 pessoas, ou seja, sete de cada dez sancarlitanos ficaram sem casa²⁰. Entre 2003 e 2004 a prática do deslocamento massivo representou 45% e 39% do total por ano e as vítimas de assassinatos seletivos foram 146 entre 1988 e 2010²¹.

Em Toribío, a guerra se concentrou na destruição do povoado e assassinato seletivo de líderes políticos e sindicalistas. Entre 1983 e 2012 sofreu 600 ataques das FARC²², ou seja, 20,68 ataques por ano, representando um a cada vinte dias, além, de quatorze ocupações por outros grupos armados.

A violência em Buenaventura é catalogada como de alta intensidade e frequência. Em vinte e dois anos (1990-2012) segundo registros da polícia, 4 799 pessoas foram mortas em Buenaventura²³. Entre 2000 e 2012, aconteceram dois homicídios a cada três dias. Entre 2000 e 2006, seis pessoas foram assassinadas a cada cinco dias. Entre 2000 e 2014, vinte e oito pessoas foram deslocadas a cada dia. Entre 2000 e 2014 aconteceram trinta

e três ações violentas a cada dia²⁴. Em 1990, ocorreram cinquenta e oito homicídios enquanto em 2000 foram 440. Durante o período paramilitar (2000-2004), 29 863 pessoas foram deslocadas e no período pós-negociação (2005-2014), 63 374.

É importante nomear neste contexto os acordos de paz em diferentes momentos da história colombiana: acordos para cessar-fogo²⁵, mesas de diálogo²⁶, desmobilizações de grupos menores²⁷ e zona de distensão²⁸. O presidente reeleito Juan Manuel Santos (2010-2018) liderou o acordo de paz com as FARC-EP assinado em junho de 2016 e posto em prática a finais desse ano²⁹. Atualmente, o mesmo governo está em diálogos de paz com o EPL.

POLÍTICAS DE SEGURANÇA E MILITARIZAÇÃO

A Política de Seguridad Democrática do governo de Álvaro Uribe Vélez permaneceu durante seus dois mandatos presidenciais (2002-2006 e 2006-

16. Ibid, p.: 156.

17. CINEP para GMH, *Base de datos de Actores y dinámicas del conflicto 1990-2009*.

18. CNMH, *¡Basta ya!*, 20.

19. Unidad de Víctimas, Estatísticas com corte de informação em 30 de junho de 2017, acessado em 9 agosto 2017 <http://rni.unidadvictimas.gov.co/v-reportes>.

20. CNMH, *San Carlos: Memórias del éxodo en la guerra*, (Bogotá, Imprenta Nacional, 2014), 14.

21. Ibid, p.: 20.

22. CNMH, *Guerra propia, guerra ajena. Conflictos armados y reconstrucción identitaria de los andes colombianos. El Movimiento Armado Quintín Lame*, (Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 2015), 367.

23. CNMH, *Buenaventura: un puerto sin comunidad*, (Bogotá: Imprenta Nacional, 2015), 222.

24. Ibid, p.: 213.

25. Acordos da Uribe e de Corinto com a FARC-EP e o EPL em 1984, durante o governo do Belisario Betancur (1982-1986).

26. Como a abertura do grupo de aconselhamento pela Reconciliación, Normalización e Rehabilitación durante o governo do Virgilio Barco (1986-1990). As conversações com as FARC-EP, ELN e EP durante o governo de César Gaviria que terminaram pelo sequestro de um ex-ministro que morreu durante cativo.

27. Que tem contribuído com a paz do país com desmobilizações durante o governo do Virgilio Barco: Movimiento 19 de Abril (M-19) em 1990, Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) em 1991, Ejército Popular de Liberación (EPL) em 1991, Movimiento Armado Quintín Lame (MAQL) em 1991; o CRS em 1994 durante o governo de César Gaviria (1990-1994), e as Audodefensas Unidas de Colombia (AUC) em 2005 com a Lei de Justiça e Paz durante o governo de Álvaro Uribe Vélez (2002-2010).

28. Durante o governo do Andrés Pastrana (1998-2002) a Colômbia despejou cinco municípios em San Vicente del Caguán, sul do país, para criar mesas de diálogo. O acordo terminou em 2002 quando as FARC-EP sequestraram um avião comercial.

29. As negociações de paz começaram em 18 outubro de 2012. Está conformada por quatro fases: aproximações para o diálogo, fixação dos acordos, referendo e implementação. Discutiram tópicos como política de desenvolvimento agrário, participação política das FARC, políticas de drogas e reparação das vítimas.

2010), foi um conjunto de estratégias que tinha como fim último garantir condições mínimas de segurança, no intuito de propiciar ambiente bom para o investimento estrangeiro. Ao mesmo tempo, protegia o direito de segurança dos colombianos com o intuito de fortalecer o Estado de direito e a autoridade democrática. Isso, mediante diversas estratégias como decretar estado de comoção interior, criar imposto de guerra, recrutar soldados camponeses para reforçar as regiões, gerar uma rede de informantes para integrar serviços de inteligência militar, fornecer plano de recompensas por informação, estimular as guerrilhas a desertar e criar zonas de concentração da guerrilha. De igual maneira, suprimiu-se o status político dos grupos armados ilegais que lhes permitia negociar com o governo³⁰. Subsequentemente, o exército se moderniza, os soldados invadem ruas e estradas, e, aparece uma estratégia de propaganda militar na televisão que instaura um modelo de herói.

Já o governo de Juan Manuel Santos (2010-2014 e 2014-2018) emitiu a *Política Integral de Seguridad y Defensa para la Prosperidad*, baseada em seis objetivos: 1) diminuir a produção de narcóticos; 2) desarticular os grupos armados ilegais e criar condições de segurança para sua consolidação; 3) criar condições de segurança para a convivência dos cidadãos; 4) progredir para um sistema de capacidades dissuasivas críveis, integradas e interoperacionais; 5) contribuir com a atenção devida em relação a desastres naturais e catástrofes; e, por fim, 6) fortalecer a institucionalidade e bem-estar do setor segurança e defesa nacional³¹. Quatro pontos dessa agenda política (1, 2, 3 e 6) relacionam-se com segurança, evidenciando preocupação com a violência social cotidiana e de grande impacto, que é produzida pelo narcotráfico e por grupos armados ilegais. Isso levou o governo Santos a assumir publicamente que a guerra existia desde décadas anteriores e que a política

e os governos estavam em dívida com a população colombiana.

Consequentemente, iniciou-se um processo de reconhecimento da vítima do conflito armado mediante a Lei 1448 ou *Ley de Víctimas y Restitución de Tierras*, assinada em 10 de junho de 2011. Esta lei tenta devolver os direitos vulnerados aos indivíduos e comunidades dentro de processos judiciais. Estabelece um marco de ajuda humanitária com foco especial na restituição de terras, de moradia, acesso a créditos e formação educativa, indenização, garantias de não repetição, entre outros.

Nesses dois governos o militar foi reproduzido mediante duas formas: o modelo de controle rotineiro e o modelo de propaganda militar. Primeiro, as formas de controle militar mais frequentes na Colômbia, são postos militares nas rodovias, usados para revistar transporte público, privativo e seus passageiros. Prática exercida por todos os grupos armados legais e ilegais, envolve a revista de pessoas na rua, em povoações e cidades com o intuito de pedir sua carteira de identidade, conferir dados e, quando necessário, reter a pessoa. É uma prática normalizada pelas forças militares e paramilitares. Há também as trincheiras em lugares estratégicos, com vista panorâmica ou dentro de vilas, utilizadas pelo exército colombiano. Soldados do exército armados na rua, parados em certos locais estratégicos das principais cidades, e, por fim, a exibição de tecnologia do aparato militar, preferencialmente, tanques de guerra que transitam pelas cidades.

Já o modelo de propaganda militar foi instaurado primordialmente, pelo trabalho de imagem e marketing. A propaganda na televisão da megacampanha do Exército *Los héroes en Colombia sí existen* (2008-2012) teve o intuito de aproximar emotivamente a população do soldado transformado em herói³² e a campanha *Fé en la Causa, con actitud positiva para*

30. Ver: Decreto 1837, 11 de agosto de 2002, Diário Oficial 44 896. Decreto 1838, 11 de agosto de 2002, Diário Oficial 44 897. Decreto 2002, 9 de setembro de 2002, Diário Oficial 44 930.

31. Ministerio de Defensa Nacional, *Ley de Víctimas e Restitución de Tierras*, (Bogotá: Imprenta Nacional, 2011).

32. O objetivo dessa campanha foi desenvolver uma sentimentalidade sobre o herói para configurar uma ideia de segurança nacional no intuito de reproduzir uma ideologia da PSD. Para aprofundar na análise crítica desta propaganda ver Claudia Gordillo, *Seguridad Mediática: la propaganda militarista en la Colombia contemporánea*, (Bogotá: Universidad Minuto de Dios, 2014).

vencer (2012 até hoje) que visa gerar uma marca³³ dos militares. Estas duas campanhas são estratégias de marketing que posicionaram um discurso de segurança no soldado redentor³⁴.

Ao lado disso, um dos maiores espetáculos comerciais, a *Feria Comercial de Defensa y Seguridad* (Expodefensa), líder no mercado da América Latina que exhibe, vende e contata clientes potenciais, estabelecendo um mercado especializado da guerra que exhibe os aparelhos do horror como mercadoria de *divertimento*³⁵. Este mercado especializado também reúne fabricantes locais sendo o mais importante a *Industria Militar de Colombia* (Indumil), fabricante de armas, munições e explosivos³⁶.

Essas duas formas do militar (controle e propaganda) se produzem, principalmente, sobre idealizações da segurança que envolvem sentidos e sensações. Isto é, abrangem o corpo e os afetos. Esses elementos são incorporados nas estratégias dos governos de maneira sutil, espalhados por um longo tempo e apresentados fragmentariamente em diversos veículos de comunicação. Como chegam a nós em dose menor, seus efeitos são poucos visíveis.

33. A marca de marketing é uma ferramenta estratégica que serve para construir identidade institucional de acordo com as necessidades dos consumidores e o contexto próprio de país. Sua construção está ancorada em teorias da emoção que ligam pessoa e produto, fazendo dele uma necessidade.

34. Os alcances e tensões dessas campanhas podem-se ver no documentário *Apuntando al Corazón*, Claudia Gordillo e Bruno Federico, (Bogotá: La danza inmóvil producciones, 2013), acessado em 8 de agosto de 2017, <http://www.youtube.com/watch?v=duCalGI6jvE>.

35. Expodefensa, *Informe de gestión* 2014, <http://expodefensa.com.co/Portals/7/documents/INFORME-POST-FERIA-EXPODEFENSA2014.pdf>. *Portafolio de servicios feria* 2017, <http://expodefensa.com.co/Portals/7/documents/plaquette-es-compress%C3%A9e.pdf>. Acessado 12 de junho de 2016.

36. Indumil foi criada em 1958 para desenvolver produção qualificada e de alta tecnologia, levando-a a certificar-se como produtor e comercializador oficial pela Organização para o Tratado do Atlântico (OTAN). Atualmente tem fábricas e 39 pontos de venda no país. A produção do fuzil Galil (antes comprado em Israel), granadas para morteiro (antes compradas na África do Sul), lança-granadas (antes compradas em Israel) fizeram a indústria independente, substituindo importações por volta de 40 milhões de dólares, em 2006. Um dos produtos mais elogiados é o fuzil Galil por suas inovações tecnológicas e ergonômicas fabricando entre 800 e 1 000 unidades por mês para o mercado colombiano e israelita, principalmente. Indumil, acessado 15 de junho de 2016, <http://www.indumil.gov.co>.

Por isso, é preciso ver os objetos juntos e em correlação como nas seguintes três naturalizações da militarização.

PRIMEIRA NATURALIZAÇÃO: POR REPETIÇÃO

Para Freud a repetição surge quando o paciente na psicanálise reprime os momentos mais representativos de seu passado e se vê obrigado a repetir o que tem incorporado: inibições, tendências, traços de caráter patológico³⁷. A função da repetição, neste caso, articulada com a ideia de representação, é ser disfarce para ocultar o subconsciente. Freud afirma que repetir é uma função “primitiva, simples e instintiva”³⁸ que pode ser obsessiva, porque o paciente “repete sem saber que está repetindo”³⁹, criando, desse modo, uma sequência de repetições associada com a ideia de resistência que lhe é prazerosa. A repetição, então, torna-se um ato compulsivo explicado pela repressão e pela transferência durante a psicanálise. É esta transferência quando o paciente projeta no analista as imagens reprimidas.

Na filosofia, Gilles Deleuze –que toma vários conceitos de Freud– afirma que a repetição é uma limitação para acessar as multiplicidades de representações que as coisas podem representar, enquanto a representação do conceito da coisa está limitada, fechada⁴⁰. Essa limitação está ancorada no velho e clássico problema da representação: o caráter de duplicidade da coisa que a torna falsa⁴¹ e o caráter de submissão à presença (re-presentar)⁴². Assim,

37. Sigmund Freud, “Recuerdo, repetición y elaboración”, *Obras Completas*, (Madrid: Biblioteca Nueva, v. 9, 1972), 1685.

38. Sigmund Freud, James Strachey y Anna Freud, *Más allá del principio del placer*, (RBA Coleccionables, 2002), 2517.

39. Ibid.

40. Para Deleuze a representação é o lugar da ilusão transcendental. Ilusão que corresponde ao pensamento, à dimensão sensível, à ideia e ao ser. Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, (Rio de Janeiro: Editoria Graal, 1988), 253.

41. Platão, “A república”, *A República*, (Martin Claret, 2000).

42. Francisco José Martínez Martínez, *Ontología y diferencia: la filosofía de Gilles Deleuze*, Colección Ensayo y Pensamiento Filosófico, (Madrid: Editorial Orígenes, 1987), 193.

a repetição, somente, pode ser explicada desde a negatividade e em relação com a noção de fantasma que está formada por acontecimentos reais que se repetem de maneira virtual e, ao mesmo tempo, com simulacro que questiona a noção de cópia e modelo em uma série de cópias cada vez distintas⁴³.

Para Deleuze, a repetição tem duas faces de oposição. A primeira face é uma repetição material, nua, de acordo com a identidade e a deficiência do conceito. Ele explica que a sua materialidade se caracteriza por termos e lugares fixos que repetem os elementos, sendo assim sucessiva, estática, extensa, ordinária, horizontal e devendo ser explicada. É assim, como esta repetição é uma rotina superficial de igualdade e simetria que leva à exatidão de mecanismos. Ela é uma repetição nua porque pode ser mascarada por acréscimo. A segunda face é uma repetição psíquica, metafísica, de totalidades variáveis, graus e níveis de coexistência. A sua principal característica é ser dinâmica, intensiva, relevante e singular. Este tipo de repetição se dá pela faculdade rememorativa que funciona como eterno retorno que compreende a diferença, o deslocamento e o disfarce⁴⁴. Assim sendo, ela se relaciona com reflexos, ecos e duplicidade que geram identidades simuladas, produzidas como efeito óptico de repetição e diferença. Desta forma, a diferença se desloca e se desfaz de uma face à outra, na que cada nível compreenderá as singularidades como pontos próprios⁴⁵.

43. Frente a tensão de cópia e simulacro, Gilles Deleuze afirma que o simulacro é um sistema intensivo que repousa sobre a natureza de suas qualidades que entram em comunicação através de suas diferenças. O simulacro deve ser descrito com as noções de: profundidade no qual as intensidades se organizam; as séries que elas formam e os campos de individuação que elas delinham; o que as coloca em comunicação; os acoplamentos, as ressonâncias internas, os movimentos forçados que se seguem; a constituição de seus passivos e de sujeitos no sistema e a formação de dinâmismos espaço-temporais; as qualidades e as extensões, as espécies e as partes que formam a dupla diferenciação do sistema que vêm recobrir os fatores precedentes; os centros de desenvolvimento que testemunham a persistência de fatores no mundo desenvolvido. Esse sistema de simulacro afirma a divergência e o descentramento, é um caos, uma unidade, uma convergência de todas as séries. Deleuze, *Repetição e diferença*, 264. E a cópia é fundada na relação com o modelo, com o ser e a verdade, já que a semelhança é interior e análoga ao modelo. Ibid, p.: 252.

44. Ibid, p.: 272-273.

45. Para Deleuze, o trabalho do tempo é fundamental para pensar repetição e diferença. Pois o

A distinção entre Freud e Deleuze é que para o primeiro a repetição se subordina à representação, enquanto para Deleuze a repetição também pode se dar pela diferença. É desse modo, que a repetição sempre se relaciona com coisas aprendidas, dadas, incorporadas e que tem o caráter de rotina que suporta o funcionamento de algo. Nas fotografias jornalísticas do corpus da pesquisa vemos como esta limitação está encarnada na representação do combatente, que aparece como centralidade da composição e a partir do qual o fotógrafo organizou os outros elementos, localizando explicitamente os elementos da guerra. Isso é, facilitando a compreensão visual da foto, quase como uma tradução funcionalista e simples para o olho do espectador. Esta visibilidade do soldado voltou-se repetição, diminuindo, conseqüentemente, a complexidade da visualidade do conflito armado e colocando-o como um assunto simples, instintivo, levando a uma leitura ligeira e com pouca transcendência. Para finalmente, apresentar a leitura preferencial que serve para o Estado, para fechar a compreensão do conflito em suas múltiplas dimensões.

Para Deleuze, o ato de repetir se dá quando não se é real, porque somente se pode definir nominalmente, porque não se tem interioridade, porque se é parte de extrapartes, porque não se recalca, porque não se tem rememoração, reconhecimento, consciência de si e nem instinto⁴⁶. O soldado se repete como elemento obsessivo nominal da máquina bélica, porque o fotógrafo

tempo está construído sobre a síntese dos instantes; síntese subjetiva que obedece a um sujeito passivo que está antes da memória e da reflexão. O presente está dado desde o hábito e o costume, o passado desde a memória e o futuro desde o eterno retorno. O presente é constituído mediante a síntese passiva da imaginação que produz a contração dos instantes que dão passo à formação de hábitos. A repetição do presente é material, sucessão de elementos. O passado está constituído pela síntese passiva da memória, passado puro “composto de objetos virtuais, que preexistem a seu próprio presente” Ibid, p.: 181. Fato que o faz subrepresentativo ao qual, somente, é possível acessar mediante a reminiscência. No futuro a repetição tem que se liberar para o retorno, já que o que retorna é o novo, o purificado e selecionado “supõe a dissolução do eu, a morte de Deus. Este círculo do eterno retorno não tem centro, é essencialmente excêntrico e descentrado, e o que faz ele retornar e circular é a diferença”. Martínez Martínez, *Ontología y diferencia*, 240, tradução das autoras.

46. Deleuze, *Repetição e diferença*, 257-258.

não sabe, não pode, não quer olhar além da representatividade, porque a estrutura da mídia e do Estado não oferecem as condições para “rachar”⁴⁷ as representações de identidade, de simulacro⁴⁸. Mas, sobretudo, porque a repetição do soldado assegura fechar a noção de conflito, necessária para configurar uma identidade visual na qual os elementos tenham uma aparente renovação, mas no fundo o conceito é o mesmo.

É neste sentido que sugerimos fazer um paralelo entre fotógrafo (paciente) e espectador (analista), seguindo a lógica da transferência das imagens reprimidas projetadas no analista, segundo Freud. O fotógrafo produz uma série de imagens fotográficas, condicionadas pelo substrato material de apresentação (o meio de divulgação), o interlocutor mediato (o tipo de mídia privada, estatal, ONG) e o interlocutor final (o consumidor da fotografia). A partir desses elementos, a fotografia encontra um tipo de equilíbrio que lhe permite fechar o conceito. Se a repetição em Freud se dá pela repressão, o que aparece nelas são soldados e armas que se relacionam com a tecnologia de guerra, elementos visuais a partir dos quais o “outro” é organizado no quadro. É a máquina bélica o representado, mostrado, repetido. É essa repetição que ao fotógrafo lhe resulta prazerosa, já que através dela é possível que uma de suas fotografias entre no hall da fama das capas de jornais e relatórios, outorgando-lhe um status. Em outras palavras, repetir, adequar-se tem recompensa.

Mas o que é o reprimido nestas fotos? A submissão entre um soldado e um devir morte, a força de destruição, a potência de fazer matar, a ameaça, o devir morte em latência permanente. Todos eles conteúdos de experiências

infantis: a arma (a potência fálica), o soldado (máquina de dominação) e o cidadão (o submetido); que podem ser explicados a partir das brincadeiras de crianças. Na Colômbia –acreditamos que na maioria dos países com histórias de guerras– uma criança pode ter uma arma falsa, desejar ser soldado, polícia ou piloto e brincar de guerra ou polícia e criminosos. Na brincadeira a disputa é por quem tem o poder, quem faz justiça, quem executa a maior força. Matar e destruir é o que se resiste a sair, é o oculto, o projetado.

Poderíamos pensar que isso é contraditório com o trabalho de fotografar a guerra como evidência das barbáries dos Estados e que também contradiz o que Susan Sontag escreveu: as fotografias do horror são necessárias, e alguém tem que fazer o trabalho⁴⁹.

Mas também poderíamos pensar que o trabalho de fotografar a guerra não seria necessário se ela não existisse. Logo, o fotógrafo (paciente) não teria que reprimir sua humanidade ao fotografar a desgraça de alguns poucos desvalidos e confrontá-la aos olhos de um espectador que a olha no conforto de seu lar com o café da manhã. Ele também não teria que suprimir seu conhecimento artístico seguindo os roteiros imagéticos de jornais, agências e ONGs sob padrões de consumo. Também não teria que conjurar seus medos, ansiedades de devir morto a cada vez que ele registrar o conflito. Isto é o mais importante deste paradoxo, porque as fotos e seu trabalho existem porque há guerra, porque a guerra é um dos negócios que sustenta o capitalismo moderno⁵⁰, porque ela é necessária para medir as forças dos Estados-nação, porque é lucro, porque a fotografia é um dos produtos que expande esse lucro e, enfim, porque a guerra faz parte do consumo cotidiano que começou quando éramos crianças.

Nesta ideia, o repressivo na fotografia é projetado no espectador. No entanto, ele também foi criança com experiências parecidas, porque é consu-

47. George Didi-Huberman, *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*, (São Paulo: Editora 34, 2013).

48. O conceito de rachadura da imagem é compreendido nos termos de George Didi-Huberman como “abrir os olhos à dimensão de um olhar expectante: esperar que o visível “pegue” e, nessa espera, tocar com o dedo o valor *virtual* daquilo que tentamos apreender sob o termo *visual*”. Para isso é preciso voltar a inflexão da palavra, ao questionamento da imagem sem pressupor a “figura figurada” e se concentrar na *figura figurante*, isto é, o processo, o caminho, a questão em ato, feita cores, feita volumes, em definitiva: “*vir a ser visível*”. Ibid, p.: 187.

49. Susan Sontag, *Ante el dolor de los demás*, (Bogotá: Editorial Alfaguara, 2013).

50. Ver: Virilio, *Guerra pura*. Noam Chomsky, *Controle da Mídia: os espetaculares feitos da propaganda*, (Rio de Janeiro: Graphia, 2003) e Zygmunt Bauman e David Lyon, *Vigilância líquida*, (Brasil: Expresso Zahar, 2014).

midor das fotografias de guerra e porque a foto foi feita, finalmente, para ele. Então, destruir e matar o espectador? Não matá-lo de fato, porém, incorporá-lo na brincadeira, outorgar-lhe um papel, colocá-lo como devir morte, trazê-lo às lembranças de criança quando destruir o outro era natural.

O que acontece se invertemos os princípios e passarmos de se “repete porque há repressão”⁵¹ para “há repressão porque se repete”⁵²? Isto nos leva a pensar desde a diferença que funciona como aceleração e precipitação⁵³ que se inscreve em um tempo e um movimento particular que está “fora de nós e em nós”⁵⁴. Desta forma, repetição produz repressão, se repete para ocultar, disfarçar, simular com objetos virtuais que não estão, porém, existem imgeticamente, artificialmente, fantasmagoricamente. O ato de repetir obsessivamente elementos na fotografia, repetir locais, comunidades, enquadramentos, formatações, não somente fecha o conceito do conflito outorgando-lhe uma identidade; mas também gera repressão das densidades sociopolíticas e econômicas do conflito que são transferidas por máscaras da máquina bélica e o capitalismo que perduram no espaço e no tempo sobre o suposto de um conceito idêntico. Assim, a guerra se coloca como uma coisa que se dispersa no cotidiano pela naturalização do militar.

Compreendemos naturalização como o ponto de conforto que encontram as forças de dominação instauradas na cultura, condição que tira dela sua excepcionalidade e a coloca na ordem de fluxo normal. Stuart Hall afirma que

“A operação de códigos naturalizados revela não a transparência e ‘naturalidade’ da linguagem, mas a profundidade, o caráter habitual e a quase universalidade dos códigos em uso. Eles reproduzem reconhecimentos aparentemente ‘naturais’. Isso produz o efeito (ideológico) de encobrir as práticas de codificação presentes. A “correspondência [entre a codificação e decodificação dos signos] não está dada, senão ela é construída.

51. Freud, *Obras Completas*, 1687.

52. Deleuze, *Repetição e diferença*, 185.

53. Gilles Deleuze e Claire Parnet, *Diálogos*, (Espanha: Editora Pre-textos, 1980), 64.

54. Deleuze, *Diferença e Repetição*, 8.

Não é “natural” senão produto de uma articulação entre dos momentos distintivos”⁵⁵.

Se o ponto de conforto produz naturalização, isso leva pensar que há um certo equilíbrio que mantém os elementos na ordem de acordo com seu contexto e fins. Equilíbrio não definido a partir da positividade, ao contrário, o regulamento adequado dos componentes que servem a seus fins desde a repetição e suas repressões. As máscaras da naturalização se ocultam e poderíamos explicá-las em duas sequências de diferença coexistentes: vigilância em relação com proteção e a guerra como espetáculo.

SEGUNDA NATURALIZAÇÃO: ROTEIROS DE VIGILÂNCIA

Um policial, um soldado do exército e um soldado do *Grupo de Acción Unificada por la Libertad Personal* (GAULA)⁵⁶ olham para longe (Fig. 1, 2 e 3). Um deles está em uma trincheira na montanha, outro em uma ponte e o terceiro em um terraço, lugares estratégicos que cumprem dupla função. A primeira é um lugar de exibição, um palco que ressalta a figura do soldado em relação com os outros, que o coloca como funcionário do poder transferido pelo soberano. Deixar-se ver é importante para instaurar uma lógica de controle. A segunda é um lugar para vigiar que funciona como torre de controle, desde onde os três homens têm visão panorâmica dos acontecimentos, permitindo-lhes alertar sobre indivíduos, situações e possibilidades de ações a futuro.

55. Stuart Hall *et al.*, “Codificar e decodificar”, *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, (Belo Horizonte: UFMG, 2003), 397.

56. São unidades elites criadas sob lei 282 de 1996, integradas pela *Dirección Nacional de Inteligencia* (DNI), *Cuerpo Técnico de Investigaciones* (CTI), *FISCALIA* e *Forças Militares*. Há no país 16 GAULAS do Exército e mais duas da Armada Nacional. Exército Nacional, acessado 17 de junho de 2016, <https://www.ejercito.mil.co/?idcategoria=71>.

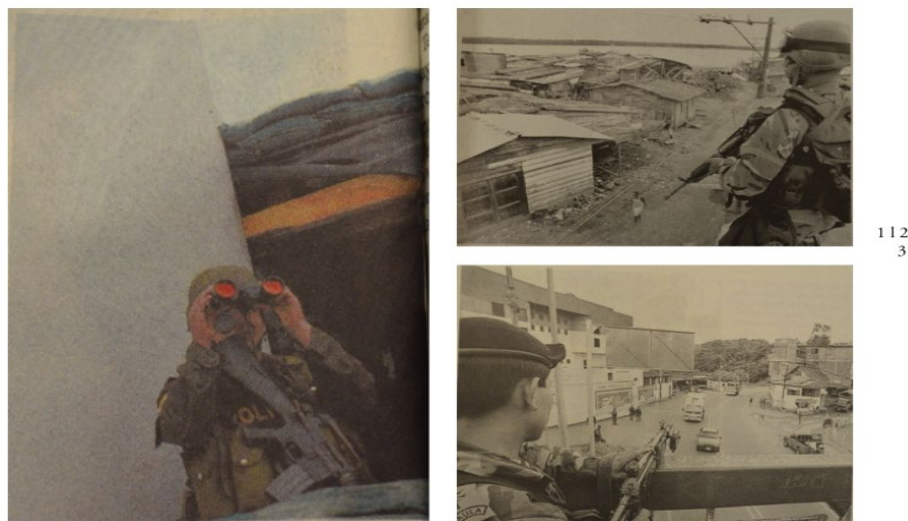
112
3

Fig 1. *El País*, foto Colprensa, 2 de julho de 2009. Manchete “Continúan combates en el Cauca”. Foto Colprensa. Legenda “extrema vigilancia mantienen las fuerzas armadas en esta región del cauca”. 2 de julho de 2009.

Fig 2. *El País*, foto El País, 6 de dezembro de 2005. Manchete “Pedirán emergencia social y económica para el Puerto”. Foto *El País*. Legenda “en el área marítima de las comunas 3 y 4 que hacen parte del sector más crítico de la ciudad, el gobierno local está solicitando custodia permanente de los guardacostas”. 6 de dezembro de 2005.

Fig 3. *El País*, foto arquivo, 6 de agosto de 2003. Manchete “No soy alcalde de intimidaciones”. Foto arquivo. Legenda “la fuerza pública redoblará sus presencia en los diferentes sectores de Buenaventura, con el fin de evitar la comisión de hechos que alteren la tranquilidad del municipio”. 6 de agosto de 2003.

Poderíamos, então, afirmar que esses lugares, em sua funcionalidade, são panópticos que tem por objetivo “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”⁵⁷. E que a “promessa de maior visibilidade, a perspectiva de ‘estar

exposto’ para que todo mundo veja e observe, combina bem com a prova de reconhecimento social mais avidamente desejada, e, portanto, de uma existência valorizada –‘significativa’”⁵⁸. Assim, estar acima é lugar privilegiado que marca duas posições: quem olha e quem é olhado.

Quem olha está acima, tem um campo visual amplo que percorre ruas, casas, veículos e indivíduos para identificar fluxos de locomoção, movimentos, horários estratégicos e ações rotineiras dos indivíduos. O indivíduo que olha gera cartografias cotidianas dos territórios com o intuito de localizar ações e indivíduos não corriqueiros particularidades que em sua potência podem subverter a ordem institucional. Olhar significa recolher, organizar as informações em coisas comuns ou suspeitas a serem revistadas e identificar particularidades de importância para a tarefa do soldado. Olhar de cima significa impor presença sobre os outros, olhar sem ser visto⁵⁹. Trata-se, de um olhar fiscalizador, que começa em quem olha e chega e retorna a si mesmo, não tem um outro acima que o coloque em inferioridade. Esta posição marca diferença, divide e distancia produzindo interstícios que podem ser preenchidos pelos múltiplos significados que a guerra gera.

Mas também, significa impor-se como centro de poder visual para ser olhado pelos outros, identificado e reconhecido em seu papel social. As fotografias desta parte apresentam-nos combatentes que intencionalmente querem ser olhados, percebidos no espaço público, colocando-se na ordem social para invadir uma visualidade, para mudar o significado das ações perante deles. Significado acrescentado com armas prontas para disparar que nos coloca frente à latência da guerra, o dever do horror e expõe à obrigatoria vigilância institucionalizada. Nasce, então, uma vigilância submetida à ordem institucional que outorga permissão para o ato de olhar.

57. Michel Foucault, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, (Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014), 195.

58. Bauman, *Vigilância líquida*, 30.

59. Ser visto/mirado apenas pelo aparelho fotográfico do fotógrafo que os captura como imagem.

Quem é olhado está embaixo, no bairro, na estrada, na rua, nas casas. Trata-se do povo, de uma massa social que está exposta para ser vista e que, por sua vez, deve olhar para quem está no palco. Como conjunto de indivíduos são espectadores do soldado e suas ações dependem, em grande parte, dos movimentos e solitudes deste, tornando-os indivíduos obedientes. Entretanto, os espectadores podem ser singularizados, marcados por uma particularidade que os torna visíveis para o soldado que olha. Assim, o indivíduo pode ser identificado, sujeitado e sob controle da referida institucionalidade. A condição de espectador dentro de uma massa convive simultaneamente com a de espectador singular, não se rejeitam, inclusive uma retroalimenta a outra.

Olhar de baixo significa que há outro superior, acima e longe dele, significa reconhecer sua inferioridade e a diferença que há entre um e outro. Corresponder o olhar de cima tem implicância de uma permissão quase negociada para ser olhado. O ser olhado, o ver-se visto modula as ações do indivíduo, circunscrevendo-as na ordem institucional que impõe o soldado que olha.

Esta dupla posição dependente gera uma das táticas privilegiadas do sistema de segurança: a vigilância. Saber quem é, o que faz, como o faz e onde está, provê informações importantes para o Estado com o intuito de controlar os indivíduos. Para Michel Foucault este jogo de olhares garante a obediência dos indivíduos, estabelecendo maiores ganhos nos comportamentos de cada indivíduo, dos corpos singulares e da força “onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”⁶⁰. Tratam-se de observatórios da multiplicidade humana, pequenas técnicas de vigilância múltiplas e entrecruzadas.

Podemos observar nessas três fotografias, que a vigilância se traduz no gesto do soldado: olhar permanente, exaustivo e em sobreposição ao indivíduo, que operado de maneira dominante se mimetiza na sua repetição.

60. Foucault, *Vigiar e punir*, 168.

Nesse sentido, os soldados do panóptico dirigem a cena, olham, controlam, previnem os acontecimentos futuros mediatos, mas acima de tudo, dominam os corpos dos outros.

Este tipo de vigilância panóptica é complementada e, em certa medida, assegurada pela presença de policiais e militares em lugares estratégicos urbanos como prédios do governo, estradas, pontos cardinais da economia e em locais de importância política. É bem certo que eles têm como função social apoiar a ordem da segurança urbana de maneira especializada, porém, ela também serve como extensão do controle performativo de proteção. Vejamos, a Fig. 4 é um destes exemplos, mostra dois policiais olhando para duas mulheres de costas que estão votando. Os policiais ficam nos extremos direito e esquerdo do quadro fechando o enquadramento de visibilidade delas. Dupla presença institucional que corrobora a extensão e domínio do Estado na situação de votações políticas e põe as mulheres em atitude dependente. A dependência aqui está relacionada com exercer o direito de democracia em âmbito de segurança, evidência de tranquilidade no cenário hostil de votações para Congresso e presidente em 2002.



Fig 4. Foto com ênfase. *El Espectador*, foto Herminson Ruíz, 13 de janeiro de 2002. Manchete “Ataque de nervios en campaña”. Foto Herminson Ruíz. Legenda “la crisis del proceso de paz agudizó los nervios en las campañas para Congreso y presidente, que redoblaron ya sus esfuerzos para prevenir eventuales ataques de los grupos armados”. 13 de janeiro de 2002.

Essa representação institucional é apresentada de costas, sem identidade definida além da performance que impõe as vestes do militar. Eles olham para as mulheres, no que poderíamos inferir em atitude de vigilância, controle e, sua vez, como suspeita. Porém, o gesto de costas para o espectador, o fechamento de quadro e não presença de armas podem-nos sugerir que esta é, antes de mais nada, uma foto encenada com o intuito de evidenciar a ordem imperante sob presença estatal em uma jornada de votação. Trata-se também de um olhar masculino sob corpos femininos.

Parecerá, então, que os policiais na encenação, convidam o espectador olhar para dentro do quadro, para o centro da foto e perceber as mulheres votando. Ação que pode ser feita pelo espectador que se projeta na ação olhada, somos testemunhas e participamos do ato de transferência da representação. Assim sendo, a fotografia apresenta uma cena de segurança que é, frequentemente, estereotipada e repetida.



Fig. 5. *El Mundo*. Foto cortesia ejército. 29 de abril de 2012. Manchete “Dos hermanos protegen la infraestructura de oriente”. Foto cortesia Ejército. Legenda “los 3.100 militares adscritos a los batallones Juan del Corral y brigadier Jaime Polanía puyo vigilan principalmente la autopista Medellín- Bogotá y la troncal del café”. 29 de abril de 2012.

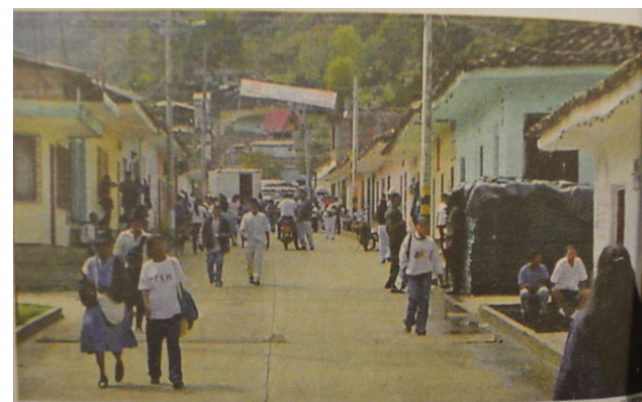


Fig. 6. *El Liberal*, foto arquivo, 29 de dezembro de 2009. Manchete “Milicianos de las farc serían los responsables de asesinatos”. Foto arquivo. Legenda “En Toribío hay temor entre la población civil debido a los dos recientes asesinatos ocurridos en zona periférica del casco urbano”. 29 de dezembro de 2009.

Da mesma forma, as Fig. 5 e 6 apresentam dois tipos de militarizações quase imperceptíveis: uma barreira militar na estrada entre Medellín e Bogotá e uma trincheira na metade de uma rua na zona urbana de Toribío. O primeiro tipo, é composto de paradas obrigatórias nas estradas para revistar motoristas, passageiros e transporte, objetivando controle de coisas suspeitas e ilegais e, sobretudo, de pessoas que poderiam ser potencialmente perigosas para a segurança. Os soldados instalam fitas ao lado das estradas, colocam sinaleiros restringindo a passagem dos veículos que dão a ordem de parar ou seguir. Parar implica, revistar o carro, os passageiros, pedir carteira de identidade e conferi-la em um sistema de data-base e, inclusive, fazer uma entrevista informal e ligeira⁶¹. O segundo tipo é a trincheira, estruturas

61. Conferir dados mediante aparelhos tecnológicos é uma variação moderna da vigilância que tem como objetivo criar perfis dos que devem ser monitorados e controlados, gerando categorias de pessoas potencialmente descartáveis. Didier Bigo chama este fenômeno de ban-óptico, pensando na continuidade do panóptico de Foucault, mas desta vez, virtual. Ele está pensando na análise de insegurança global dos chamados “agentes de inquietação”: polícia, agentes de fronteira e companhias aéreas, todas elas burocracias transnacionais de vigilância e controle empresariais

quadradas e côncavas formadas por sacolões de areia, usadas para resguardar soldados na ocorrência de tiroteios. Elas protegem o soldado do inimigo, porém, ao serem colocadas dentro da vila o povo fica em risco, já que instiga atentados no meio da população.

Estas duas táticas usam estruturas efêmeras que se podem pôr e tirar quantas vezes quiser, um efeito “pipoca” que marca o território militarmente, impondo um tipo de “exame” que, como modalidade de poder, “fixa o tempo ritual e científico das diferenças individuais”⁶² como cerimônia que coloniza objetos, espaços e pessoas⁶³. Este controle funda a ideia de “administrar” os fluxos dos corpos que, em sua continuidade ou ruptura, são separados como pessoas suspeitas e não suspeitas, exaltando, consequentemente, a vontade de continuidade nos fluxos de locomoção dos indivíduos.

A profundidade destas táticas está no caráter natural que adquirem, acentuadas na ideia de castigo que deve ser “achado não somente natural, mas interessante; e, é preciso que cada um possa ler nele sua própria vantagem”⁶⁴. Assim, poderíamos dizer que exame, revista, vigilância e prender são formas interessantes, vantajosas e naturais de proteção, ancoradas na multiplicação de símbolos sob uma mesma significação: a morte é legítima enquanto fundada na segurança que permita a economia de poder.

Economia de poder que hoje está fundamentada na tecnologia, que fazem delas ações mais sutis, de curto prazo, limitadas, com rotação rápida e continuadas, coincidindo com as características da sociedade de controle que Gilles Deleuze e Félix Guattari desenvolveram amplamente em seu livro *Mil Platôs*⁶⁵. Sociedade pensada a partir da inserção da tecnologia,

especialmente, informática, computadores e cibernética, que abriram espaços de movimentação e produção social dos indivíduos, que já não se relacionam com territórios fixos, panóptico e discursos, senão, com estratégias que funcionam mais por controle contínuo e comunicação instantânea, implantando tipos de sanções, de educação, de tratamento com controles contínuos que configuram novas formas de circulação e distribuição dos produtos. Assim, os “controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente a cada instante”⁶⁶, controle que oferecem aparentes espaços de libertação.

Essa sociedade de controle sobrevive, paralelamente, com a sociedade disciplinária que propôs Michel Foucault, mas uma não é continuidade da outra. O interessante dessa conjunção é a possibilidade de ver os diferentes níveis nos quais a vigilância administra suas estratégias. Por exemplo, uma perversão da vigilância hierárquica são as trincheiras em vilas, pois, o povo deixa de ser sujeito das ações de proteção e, em vez disso, é colocado como instrumento-escudo dos grupos armados como objeto. Eis aqui, um típico caso de devir massacre que inverte as funções por naturalização.



Fig. 7. *El Espectador*, foto Jaime Pérez, 23 de maio de 2010. Manchete “Retorno en San Carlos: un esfuerzo de muchas manos”. Foto Jaime Pérez. Legenda “en la escuela la mirandita, los tiros de fusil recuerdan lo que fue la guerra. Esta sede educativa ya fue desminada”. 23 de maio de 2010.

e políticas que trabalham a distância para vigiar os movimentos da população. Didier Bigo, “Globalized (in)security: the field and the ban-opticon”, *Terror, insecurity and liberty: illiberal practices of liberal regimes after 9/11*, (Oxon and New York, Routledge 2008).

62. Foucault, *Vigiar e punir*, 188.

63. Ibid, p.: 184.

64. Ibid, p.: 93.

65. Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, (São Paulo: editora 34, 1995).

66. Gilles Deleuze, *Conversações*, (São Paulo: editora 34, 2008), 221, grifo no original.

No que segue, vamos nos concentrar na Fig. 7. Esta fotografia apresenta a virgem Nossa Senhora do Carmo, a quem se atribui benefícios espirituais de salvação do purgatório a toda pessoa que leve consigo o escapulário do Carmo como sinal de proteção ou hábito de salvação. No fundo há um tecido escuro com anjos que voam ao redor, outorgando-lhe um “rastros exposto divino e exposto com a finalidade de uma construção de mistério, de eficácia mágica, de veneração”⁶⁷. Divindade que predomina $\frac{3}{4}$ do quadro e em relação com o soldado que está posterior à grade que protege a virgem no topo da montanha. Esta figura religiosa, procedente do Monte Carmo em Israel, é patrona das Forças Armadas Militares e motoristas na Colômbia, sendo seu dia de festa, em 16 de julho.

Os olhares de virgem e criança dirigem-se para a esquerda, deixando de ser dois para se colocar sob domínio de uma horizontalidade que busca o soldado para incorporá-lo na visualidade, outorgando-lhe um lugar de significação. Mas também, este olhar induz o olho do espectador a encontrar o soldado que está de costas para a iconologia religiosa e de face a uma paisagem montanhosa.

Dele podemos observar sua parte posterior superior (ombros e cabeça) que poderiam ser de qualquer pessoa vestida de soldado. Entre soldado e religiosidade há uma grade que marca separação entre as duas figuras, colocando de um lado o divino e de outro o humano para, logo, impor uma proximidade visual que parte da religião para compreender os outros elementos. Desta forma, se vai da divindade para a carne, do bem para o mau, da clareza para obscuridade, virtudes divinas e humanas que nos põem frente a uma intensidade binária coexistente: de um lado, um olhar vigilante onipresente do divino sob o soldado, lembrando-lhe que “Deus o vê”; e, de outro, a graça divina que acolhe a todos como filhos de Deus, vinculando o soldado a uma transferência de amor protetor que, em vez de rejeitá-lo, o

coloca dentro da grade e o protege com seu olhar, lembrando-nos que “ele vá com Deus”, que “nunca estou sozinho”⁶⁸.

Esta coexistência binária gera no militar um tipo de dívida de proteção, posicionando-o em condição de submissão que o predispõe para treino constante de sua alma. Corpo e alma se dispõem para ser disciplinadas pelo poder dominante da vigilância divina. Disciplina que cria uma individualidade que é ao mesmo tempo celular, orgânica, genética e combinatória. Para isso, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros, prescreve manobras, impõe exercícios e organiza táticas. Cada indivíduo é reconhecido em sua existência dentro dessa estrutura hierárquica de dominação, ele é definido pelo lugar que ocupa na série, na rede, na célula, e pela distância que separa dos outros. Isto é, a disciplina transforma as multidões em “quadros vivos”⁶⁹, em multiplicidades organizadas e controláveis. Coloca os indivíduos em uma rede de relações, na qual cada indivíduo possui um lugar e em cada lugar há um indivíduo, havendo com isso a imposição de uma ordem que liga o singular e o múltiplo. A disciplina fabrica indivíduos e é essa individualização, singularidade, que se torna importante no poder disciplinar. Por isso, o soldado deve compreender a profundidade de seu treino, para melhor poder treinar/adestrar as multidões.

TERCEIRA NATURALIZAÇÃO: A GUERRA COMO ESPETÁCULO

A Fig. 8 nos apresenta um soldado dirigindo um tanque de guerra em uma rua da periferia de Buenaventura, daquelas sem asfalto e cheias de buracos. Perto ficam moradias construídas em madeira de dois andares, simples e de aparência improvisada, casas típicas que, embora não ficando perto do rio, são construídas sobre estruturas de madeira para ganhar altura em relação à água e à umidade da região Pacífica. Chama a atenção

67. George Didi-Huberman, *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*, (São Paulo: Editora 34, 2013), 248.

68. Bauman e Lyon, *Vigilância líquida*, 30.

69. Foucault, *Vigiar e punir*, 145.

que várias pessoas assistem à passagem do tanque como um evento extraordinário.



Fig. 8. *El Tiempo*, foto Agência EFE, abril 13 de 2014. Manchete “Buenaventura bajo custodia militar”. Foto Agência EFE. Legenda “El puerto de Buenaventura fue militarizado por orden del Gobierno para contrarrestar la ola de violencia que este año ya deja 87 personas asesinadas, entre ellas 7 descuartizadas. Unos 2400 hombres de las Fuerzas especiales recorren las calles de este puerto en del Valle del Cauca para garantizar la seguridad. Dos bandas criminales están detrás de los crímenes y la zozobra que vive la población”. Abril 13 de 2014.

Por que um tanque de guerra está na periferia de Buenaventura? A primeira resposta está baseada na necessidade de reforçar as estratégias de segurança em uma região que foi controlada pela criminalidade das BACRIM que, para manter as economias ilegais, instauraram a ordem do medo mediante

*Casas de pique*⁷⁰ e *acuafosas*⁷¹. Desta forma, os criminosos também poderiam assistir a força da tecnologia destruidora do tanque de guerra.

Uma segunda resposta inclui pensar os significados da tecnologia de guerra em relação com população, território e economia. Vejamos, o tanque de guerra é uma máquina de confronto de fogo aberto em terra que têm como características ser blindada, cruzar terrenos de alta dificuldade e ter arma de alto alcance, projetando-a como uma máquina temível, versátil e de ação de choque. Este tipo de aparelho comumente opera em unidades blindadas que lhe permitem abrir caminho de combate mediante uso de controles, comandos, observadores eletrônicos como GPS e mira do comandante. A Colômbia tem mais de 350 veículos blindados comprados de países como Estados Unidos, União Soviética, Brasil, África do Sul e Canadá⁷². Cada

70. É uma estratégia de tortura coletiva, que se baseia no sequestro da pessoa, tortura, desmembramento da pessoa viva e desaparecimento do corpo ou repartição dos membros do corpo em diferentes locais da vila. Mecanismo que tem como lógica a comunicação do terror. A morte nesta estratégia é somente um meio, não uma finalidade. Esta ação é ativada em espaços abandonados pelos seus donos, usualmente casas, dentro dos bairros marginais nos quais infringem-se torturas e esartejamentos às vítimas. Tem uma mesa ou pau longo onde a vítima é deitada. As ferramentas mais usadas para tortura são de fabricação caseira ou de venda livre como pau com pregos, faca, facão e ácido. As vítimas enquanto são esartejadas vivas gritam serem inocentes e pedem salvação à vizinhança.

71. São cemitérios clandestinos em estuários. Os corpos das pessoas são jogados no rio, em esteiros chamados “acuafosas” ou suas partes espalhadas em diferentes bairros da favela. Os dois primeiros casos têm um forte componente de desaparecimento, no entanto as famílias se restringem pegar os corpos no rio ou procura-los nos esteiros. Assim sendo, o esteiro desapareceu como fonte de pesca para converter-se em cemitério clandestino. Acredita-se que muitos dos cadáveres das pessoas desaparecidas ficam nos esteiros Aguacatal, San Antonio, La Calavera e TCbuen. O líder comunitário, Manuel Bedoya, ressaltou que o governo municipal deve levar em conta os quase dos mil cadáveres que poderiam ficar no esteiro San Antonio durante o projeto de reestruturação do porto. *El País*, “Polémica em Buenaventura por posible dragado del estero San Antonio”, 18 fevereiro de 2013, acessado 30 de outubro de 2016, <http://www.elpais.com.co/elpais/valle/noticias/polemica-buenaventura-por-posible-dragado-estero-san-antonio>. e Brasil passaram também a ser, el estero San antonio” tura, fotograf

72. Esta máquina também é chamada de carro de combate, buque de terra e veículo blindado, alcunhado Little Willis em seus primórdios. Foi usado pela primeira vez na Primeira Guerra Mundial pelo exército britânico, o seu fabricante. Posteriormente, outros países como os Estados Unidos, a União Soviética, Israel e Brasil passaram também a fabricar. Colômbia tem os modelos: Engesa EE-9 (Brasil), Textron M1117 (USA), Engesa EE-11 (Brasil), N2 LAVIII

tanque custa por volta dos USD\$2,500 milhões de dólares⁷³.

Laymert Garcia dos Santos afirma na apresentação do livro *Guerra pura* de Paul Virilio, que, quando associamos tecnologia, o fazemos com ferramenta e não com arma, quando o coração artificial da máquina-de-guerra⁷⁴ é a tecnologia mesma porque ela é uma idealizadora e produtora incansável de máquinas destruidoras. Para Paul Virilio, a tecnologia sempre “produz, provoca, programa um acidente específico”⁷⁵, trata-se da invenção da catástrofe, substância e acidente “sendo a substância tanto o objeto como seu acidente. O lado negativo da tecnologia e da velocidade foi clausurado”⁷⁶. Clausura baseada na manutenção de uma ideia de desenvolvimento e progresso abrangendo a tecnologia como assunto transcendental. É por isso que os discursos e representações de guerra, em sua grande maioria, estão construídos por relatos heróicos, propagandísticos e, antes de mais nada, fundamentados na segurança e na retórica de bem-estar em relação com moral.

Desta forma, “percebemos que a evolução da máquina de guerra é involução da humanidade”⁷⁷, sendo a tecnologia “nossa natureza”⁷⁸ e a guerra pura a “guerra operando nas ciências”⁷⁹. É por isso que resulta impossível escapar da guerra, fugir dela porque, como ciência, faz parte de um saber não

revelado e em constante idealização que constroem um *continuum* econômico e político que a coloca como fundamental dos governos.

O orçamento das Forças Militares acrescentou gradativamente assim (em bilhões de pesos colombianos): 14,6 (2002), 17,9 (2006), 23,3 (2010), 27,7 (2014). Em 2014, o orçamento representou 17,9% de 199,9 no total, sendo 800 vezes mais que para o setor cultural, 101 000 mais que para o setor lazer e esporte e 120 000 vezes mais que trabalho público. Se calcula que o investimento dedicado a defesa e conflito armado por volta dos 230 bilhões de pesos, entre 2002 e 2012. Incluso 14,592.591.719 pelos diálogos de paz em Havana⁸⁰. Estas estatísticas põem à Colômbia como o quarto país com maior investimento militar na América com 13 mil milhões de dólares, antecedida por Canada (18,5), Brasil (31,5), Estados Unidos (640,2) e muito por cima do Chile (5,4), a Venezuela (5,3) e a Argentina (4,5)⁸¹.

Essa guerra pura, explica Virilio, dá-se na logística, que é o início da economia de guerra, que se torna Economia a ponto de substituir a economia política⁸². Este conceito de logística⁸³, aponta Virilio, é precedido, na inteligência militar, por três fases: a fase tática, que é a arte da caça; a estratégia, que nasce com a política –no sentido de *polis*– que é a arte de governar e onde nascem as elites militares; a economia de guerra, que nasceu em 1870 e terminou com a Primeira Guerra Mundial que trouxe a bomba nuclear como máquina científica, e que colocou um “problema qualitativo: a arma final. É aí que a logística assume o controle”⁸⁴.

(Canadá), TPM-113 (USA), RG-31 Nyala (Sul-África), BTR-80 (União Soviética) e Humvee E-966 (USA). *Armamento de las fuerzas colombianas* 2013-2014, Youtube, acessado 30 junho 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=N3zsbKZcqzw>.

73. No processo de modernização e transformação das Forças Armadas se compraram mais 32 novos tanques de guerra chamados de 8x8 a General Dynamics Land Systems Canada por 84 milhões de dólares entre 2014 e 2015, atualizando a última compra feita em 1985. *El Espectador*, “Colômbia compra 32 tanques inteligentes”, 23 de janeiro de 2015, acessado junho 2016, <http://www.elespectador.com/noticias/judicial/colombia-compra-32-tanques-inteligentes-articulo-539417>.

74. Vale a pena salientar que no livro nomeado, o conceito máquina-de-guerra (com hífen) refere-se a produzir a guerra como fato e que difere do conceito de Deleuze e Guattari (sem hífen), que pensam nas linhas de fluxo dos nômades que estão contra o Estado como revolução.

75. Virilio, *Guerra pura*, 40.

76. Ibid.

77. Dos Santos *apud* Virilio, *Guerra pura*, 11.

78. Ibid, p.: 29.

79. Ibid, p.: 28.

80. Juliana Castellanos, ¿Cuánto cuesta la guerra? (Bogotá: Universidad Politécnico Gran Colombiano, 2014).

81. *Revista Semana*, “¿Cuánto cuesta la guerra en Colombia?”, Infografía, Seção Nação, 17 de setembro 2014, acessado em 17 junho 2016, <http://www.semana.com/nacion/articulo/cuan-to-cuesta-la-guerra-en-colombia/403122-3>.

82. Virilio, *Guerra pura*, 16.

83. A logística, afirma Paul Virilio, ocorre no tempo das guerras napoleônicas que gerou um problema de deslocamento e subsistência, trazendo, conseqüentemente, problemas de transporte e munições que se juntaram em um sistema de “vetores de produção, transporte, execução”, criando um fluxograma de forças na inteligência militar. Ibid, p.: 25.

84. Ibid, p.: 24.

Nesse sentido, a logística deve ser entendida como “o procedimento segundo o qual o potencial de uma nação é transferido para suas forças armadas, tanto em tempo de paz como de guerra”⁸⁵. Para o qual a logística importa em quanto se trata de processos, sistema de produção da guerra que se deve expandir, demonstrar e incorporar o militar no cotidiano. É deste modo, como a logística expansiva da institucionalidade do Estado deve-se “fazer ver” no intuito de exibir sua potência no território como uma metáfora de proteção. Dessa forma, o acréscimo de investimento na guerra na Colômbia teria sentido, pois, já não é mais o ganho de território, mas uma forma da política econômica.

Isso leva pensar que, esse fazer ver tem duas conotações concretas: uma reterritorialização do espaço perdido que precisa da força estatal para disciplinar os fluxos da segurança, evidenciando ausência, desproteção e esquecimento. E outra, impulsionada pela estrutura econômica de um porto em desenvolvimento que precisa de territórios militarizados e de indivíduos disciplinados, aqui a política econômica traduzida no geopolítico. É muito provável que a junção delas seja o motivo desta foto, desta caravana militar, desta ruptura visual da máquina bélica que se serviu do espetáculo para fraturar tempo e espaço.

Espectáculo, no sentido de Guy Debord⁸⁶, como a radicalização do conceito de alienação que coloniza a totalidade da vida individual e social a partir da fetichização de mercadorias aplicado à mídia e à cultura como mediação. Para deste modo, produzir uma sociedade capitalista, fundamentada na imposição de interesses e o papel determinante da tecnologia na dominação⁸⁷. Esta imagem espetacular é a consequência do sistema de pro-

dução que, no nosso caso, se instaura a partir de quatro relações: o soldado com a máquina bélica como mercadoria/tecnologia do capitalismo, as mulheres com os aparelhos fotográficos para produção/perpetuação da imagem espetacular, o fotógrafo-aparelho com relação a soldado-máquina bélica e mulheres-aparelhos, e, enfim, a fotografia com o texto.

A primeira relação preponderante nesta fotografia é o soldado com a máquina bélica, ela entendida como, já foi dito, como mercadoria tecnológica de guerra pura. Nela, o olhar do soldado se dirige ao longe, não olha para a arma, nem para o fotógrafo e ainda menos para as crianças e mulheres. Seu olhar foge para o extraquadro, para o caminho futuro do tanque que avança em direção contrária ao grupo de soldados que ficam reunidos na esquina detrás do tanque. Eles, também, olham para o tanque e para o que parece ser mais um outro veículo militar que fica atrás. Estamos assistindo um tanque de guerra se locomovendo pela rua, como um fragmento de uma unidade militar que invade Buenaventura. Assim sendo, o gesto do soldado é a mera transferência hermética e impenetrável da máquina bélica que o torna homogêneo, rígido e opaco, tirando sua singularidade e alienando-o como imagem espetacular. Esta unicidade soldado-arma-tanque em sua função espetacular tem a função de coesão, de agrupar, de reforçar as aparências da guerra no circuito de proteção para ocultar a potência de fazer matar.

A segunda relação, são os espectadores da imagem espetacular. Vemos onze pessoas (quatro meninas, quatro meninos e três senhoras) frente à fachada de uma casa em relações diversas: o grupo de crianças fala entre elas, dirige seu olhar para diversos pontos e parece estar interessada em eventos paralelos à apresentação da máquina. No entanto, as três senhoras tiram foto do soldado em relação com a máquina e o fotógrafo. Eles olham em dois momentos: através da presença do estar aí, frente a máquina bélica sem mediação nenhuma; e através da câmera no celular que registra esta presença para a posteridade. Duplo olhar que procura a evidência da imagem espetacular mediante a representação para, assim, colocar-se além da

85. Ibid, p.: 25.

86. Guy Debord, *La sociedad del espectáculo*, (Valencia: editorial Pre-textos, 2007), 38.

87. Há que sublinhar que Debord estava falando do espetáculo em relação com o contexto dos anos 60, porém, sua síntese totalitária tem sido controvertida, principalmente, pelos estudos culturais que demonstram que não existe uma dinâmica cultural e política única, que é de fato multicultural.

testemunha de “mostração”⁸⁸ da guerra.

A produção de fotografias desta imagem espetacular media a representação da guerra e, com isso, funda uma nova relação entre as pessoas e a guerra mesma, transformando-a outra vez, numa mercadoria de consumo com uma funcionalidade estética na superfície da foto. Nelas, as mulheres perdem individualidade e viram uma mera representação de si que se distancia cada vez mais da consciência de si e termina focando sua ação social como mera aparência em um cenário. Esses vestígios, pontua Debord, inauguram um conjunto de relações entre pessoas mediadas pelas imagens⁸⁹.

Consequentemente, como no duplo olhar, nasce uma dupla alienação: o grupo de pessoas alienadas pela máquina espetacular que a olham diretamente e os que olham a foto de dita representação, sejam os parentes das senhoras, a comunidade ou os espetadores do jornal. Todos eles alienados na potência de coesão do espetáculo, apresentada como um “monopólio das aparências”⁹⁰ que encarna os valores de uma sociedade capitalista para sua reprodução.

A terceira relação está dada pelo fotógrafo e a câmera que põem em relação comunidade, arma e soldado, em um plano geral aberto que permite perceber o contexto social e econômico desta comunidade. Esta foto, tirada por um fotógrafo da agência de imprensa espanhola EFE, apresenta um contraste interessante, que evidencia as perversidades da guerra, porém, também brinca com elas, produzindo uma fotografia para ser olhada, circulada e consumida.

Para isso, o fotógrafo sobe no tanque e aguarda o “instante decisivo”⁹¹ no qual a comunidade aparece expectante, obnubilada e alienada com a

88. Para Gottfried Boehm, a lógica de mostração se refere à lógica das imagens, já que “as imagens nos dão a ver alguma coisa, nos colocam alguma coisa ‘sob os olhos’ e sua demonstração procede, portanto, de uma mostração”, Gottfried Boehm, “aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica”, *Pensar a imagem*, (Belo Horizonte: Autêntica, 2015), 23.

89. Debord, *La sociedade del espectáculo*, 38.

90. *Ibid*, p.: 41.

91. Henri Cartier-Bresson, “El instante decisivo”, *Estética fotográfica, una selección de textos*, (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013).

máquina. Poderíamos sugerir que há um triplo movimento de alienação espetacular: o depositado pelo exército como estratégia de visibilidade, o consumido pela comunidade como espetáculo e o conservado nas fotografias. Mera “acumulação de espetáculos”⁹² triangular.

Temos mais uma relação, desta vez, a textualidade que rotula a fotografia com a manchete “Buenaventura, bajo custodia militar”, identificando a locação e colocando o militar como predominante. O texto “custodia” tem dois significados opostos: um, que significa guardar ou proteger algo ou alguém com cuidado; e, outro que significa reter a alguém para que não fuja. Diante disso, a que tipo de custodia estamos olhando? A quem se protege ou a quem se retém?

Este espectador está do lado esquerdo inferior da foto enquadrado entre tanque, arma e texto. Desse lado, os elementos custodia-arma-comunidade ficam próximos, em verticalidade e em submissão, evidenciando ação-instrumento-indivíduo, assim, inferimos que o povo é alvo de custodia mediante uso de tecnologia militar. Então, os indivíduos fotografados, mais que protegidos, estão sendo retidos, controlados, vigiados dentro das exigências da guerra.

A legenda da foto diz “El puerto de Buenaventura fue militarizado por orden del Gobierno para contrarrestar la ola de violencia que este año ya deja 87 personas asesinadas, entre ellas sete descuartizadas. Unos 2400 hombres de las Fuerzas especiales recorren las calles de este puerto en del Valle del Cauca para garantizar la seguridad. Dos bandas criminales están detrás de los crímenes y la zozobra que vive la población”. Este texto valida nossa hipótese sobre a unidade militar, pois mais de 2400 soldados do exército e sua tecnologia de guerra ocupam uma cidade do litoral com perto de 370 mil habitantes, e onde dois grupos criminosos são objetivo da ação militar. As BACRIM são grupos conformados, principalmente, por paramilitares desmobilizados do processo de paz de Álvaro Uribe Vélez mediante a *Ley de*

92. Debord, *La sociedade del espectáculo*, 37.

Justicia y Paz e o status de criminosos os impede de serem punidos dentro do atual processo de justiça da *Ley de Víctimas y Restitución de Tierras*. Neste ponto, vale a pena perguntar se é necessário tanto armamento assim para aqueles que foram chamados de “grupos criminosos”. Talvez esta movimentação toda seja o indício de que esses grupos estão além da criminalidade e que no fundo a disputa está entre interesses econômicos e políticos pelos quais vale a pena movimentar 2 400 homens. Inferência que leva, novamente, para o porto como projeto estratégico da economia na região pacífica de América Latina.

Sem dúvida esta foto condensa grande parte da potência da guerra pura, o espetáculo de guerra que assistimos cotidianamente está fundamentado em alienações contínuas, fluidas que não cessam e que instauram uma visualidade naturalizada do militar na lógica de “sentir-se seguro”. Sentimento que legitima a militarização e traslada perigosamente as responsabilidades da guerra.

Frente a isto, Hannah Arendt considera que a tecnologia triunfou sobre a ética como “responsabilidade de ninguém”, promovendo o hábito de responsabilidades flutuantes nos corpos democráticos sobre as catástrofes⁹³. É por este motivo que a tecnologia militar tem conseguido e conseguirá desfazer-se de qualquer responsabilidade, já que estas são transferidas às tecnologias da “arte de fazer matar”. “Arte” que invalida a categoria subjetiva, pois fica na abstração mesma da tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de segurança a partir de suas múltiplas ênfases têm demonstrado que a vigilância é cada vez mais sofisticada e sutil. Mediante consumos pela internet, cartões de crédito e pago em aparelhos das coisas mais

simples, tem-nos induzido na lógica de registro⁹⁴, de consumismo⁹⁵, de segurança⁹⁶. Lógicas que funcionam para os mercados capitalistas e os Estados como mecanismos de controle, no entanto, configuram bases de dados que são o primórdio da vigilância.

Esta tecnicidade convive, paralelamente, com as velhas formas panópticas de vigilância, fazendo do sistema algo mais complexo e abrangente. Sem poder escapar dele, os indivíduos se tornam dependentes da segurança como sistemas de proteção e defesa da população. Estas narrações são produzidas sob a ideia de bem-estar, transferindo parte da responsabilidade do Estado aos indivíduos. Nessa transferência neoliberal, os indivíduos adotam táticas, estratégias e ações no cotidiano que os torna parte da “classe militar”⁹⁷ tornando-os cúmplices da vigilância.

No contexto de guerra, a tecnologia, o panóptico e todas as formas fixas e fluidas de vigilância compõem um sistema vigilante que alterna, sobrepõe e exacerba todas suas formas para tornar-se um dispositivo visível e invisível que joga com suas formas de apresentação. Isto é, a vigilância tem a virtude de tornar-se uma figura de pulsões físicas pela força que, a sua vez, é fantasmagórica e onipresente.

Eis aí a importância de compreender as visibilidades/invisibilidades da guerra. Nas fotografias olhamos para soldados tecnicamente produzidos, definidos em sua identidade militar e focados pela câmera. Eles são narrados desde a clareza de seus elementos, preenchendo o significado da força de destruição, seja este legal ou ilegal. O soldado nas fotografias é figura central. É a partir dele que os outros elementos são organizados, outorgando-lhe uma posição preferente.

94. Didier Bigo, “Globalized (in)security: the field and the ban-opticon”, *Terror, insecurity and liberty: illiberal practices of liberal regimes after 9/11*, (Oxon and New York: Routledge, 2008).

95. Zygmunt Bauman, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, (Brasil: Zahar, 2003).

96. Lyon *apud* Bauman, *Vigilância líquida*.

97. Virilio, *Guerra pura*.

93. Hannah Arendt, *Responsabilidade e Julgamento*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

A militarização do cotidiano passou a ser um costume, uma rotina reproduzida pela aceitação da impunidade, o comércio da segurança, a criminalidade, as faltas de regras de convívio, abuso de poder, “a segurança pública passou a ser sinônimo de ardilosa militarização de nossa cultura: do modo de vida, dos costumes e até mesmo da moda”⁹⁸. Assim, a repetição, a vigilância e o espetáculo da máquina bélica são estéticas e conceitos que constroem uma narrativa de nação imaginada⁹⁹ na força militar de destruição. A análise deste processo e de seus mecanismos de funcionamento nos permitem compreender os sentidos de construção desta guerra pura em uma guerra total de imagem e imaginários.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Siglo XXI editores, 1996 [1983].
- Arendt, Hannah. *Responsabilidade e Julgamento*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Bauman, Zygmunt; Lyon, David. *Vigilância líquida*. Brasil: Expresso Zahar, 2014.
- Bauman, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Brasil: Zahar, 2003.
- Bigo, Didier. “Globalized (in) security: the field and the ban-opticon”. *Terror, insecurity and liberty: illiberal practices of liberal regimes after 9/11*. Bigo e Tsoukala (Ed.). Oxon and New York, Routledge (2008): 10-48.
- Boehm, Gottfried. “aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica”. *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- Brigagão, Clóvis. *A Militarização da Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.
- Castellanos, Juliana. *¿Cuánto cuesta la guerra?*. Bogotá: Universidad Politécnica Gran Colombiano, 2014.
- Cartier-Bresson, Henri. “El instante decisivo”. *Estética fotográfica, una selección de textos*. Barcelona: Editorila Gustavo Gili, (2013) [1952]: 221-236.
- CNMH. *¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad*. Bogotá, Imprenta Nacional, 2013.
- CNMH. *San Carlos: Memorias del éxodo en la guerra*. Bogotá, Imprenta Nacional, 2014.
- CNMH. *Guerra propia, guerra ajena. Conflictos armados y reconstrucción identitaria de los andes colombianos. El Movimiento Armado Quintín Lame*. Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 2015.
- CNMH. *Buenaventura: un puerto sin comunidad*. Bogotá: Imprenta Nacional, 2015.
- Chomsky, Noam. *Controle da Mídia: os espetaculares feitos da propaganda*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003 [1991].
- Debord, Guy. *La sociedad el espectáculo*. Valencia: editorial Pre-textos, 2007.
- Deleuze, Gilles e Parnet, Claire. *Diálogos*. España: Editora Pre-textos, 1980 [1977].
- Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: editora 34, 1995 [1980].
- Deleuze, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Editoria Graal, 1988.
- Deleuze, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 2008 [1990].
- Didi-Huberman, George. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013 [1990].
- Foucault, Michel. *Seguridad, territorio, población*. Curso en el Collège de France, 1977-1978. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- Freud, Sigmund. “Recuerdo, repetición y elaboración”. *Obras Completas*,

98. Clóvis Brigagão, *A Militarização da Sociedade*, (Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985), 77.

99. Benedict Anderson, *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, (México: Siglo XXI editores, 1996).

- trad. Luis López Ballesteros. Madrid: Biblioteca Nueva (1972), v. 9: 1683-1688.
- Freud, Sigmund; Strachey, James; Freud, Anna. *Más allá del principio del placer*. RBA Coleccionables, 2002.
- Gilhodes, Pierre. “La violencia en Colombia: bandolerismo y guerra social”. *Once ensayos sobre la violencia*. Bogotá: CEREC & Centro Gaitán, 1985.
- Gordillo Aldana, Claudia Solanlle. *Seguridad Mediática: la propaganda militarista en la Colombia contemporánea*. Bogotá: Universidad Minuto de Dios, 2014.
- Hall, Stuart *et al.* “Codificar e decodificar”. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003 [1980].
- Lair, Eric. “Reflexiones acerca del terror en los escenarios de guerra interna”. *Revista de Estudios Sociales*, No 15, Junio. Bogotá, Universidad de los Andes, (2003): 88-108.
- Martínez Martínez, Francisco José. *Ontología y diferencia: la filosofía de Gilles Deleuze*. Colección Ensayo y Pensamiento Filosófico. Madrid: Editorial Orígenes, 1987.
- Medina, Medófilo. “La resistencia campesina en el sur de Tolima”. *Pasado y presente de la violencia en Colombia*. Bogotá, Cerec, (1986): 233-267.
- Ministerio de Defensa. *Ley de Víctimas e Restitución de Terras*. Bogotá: Imprenta Nacional, 2011.
- Pecaut, Daniel. *Guerra Contra la Sociedad*. Bogotá: Editorial Planeta, 2001.
- Platão, Anon. “A república”. *A República*. Martin Claret, 2000.
- Sontag, Susan. *Ante el dolor de los demás*. Bogotá: Editorial Alfaguara, 2013.
- Virilio, Paul; Lotringer, Sylvere. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- WEBGRAFIA**
- Apuntando al Corazón*. Documental dirigido por Claudia Gordillo e Bruno Federico. Bogotá: La danza inmóvil producciones, 2013, <https://www.youtube.com/watch?v=LbuXjhEDUYY>.
- Gutiérrez, Juliana, “La industria militar colombiana comercializa armas y tecnología en el escenario internacional”, *Diálogo Revista Militar*, 25 de janeiro de 2014, acessada em 15 de junho, 2016, <https://dialogo-americas.com/es/articulos/la-industria-militar-colombiana-comercializa-armas-y-tecnologia-en-el-escenario-internacional>
- Ejército Nacional. “Grupos Gaula”. Acessada em 17 de junho de 2016, <https://www.ejercito.mil.co/?idcategoria=71>
- Expodefensa. *Informe de gestión 2014*. Acessado 12 de junho de 2016. <http://www.expodefensa.com.co/Portals/7/documents/INFORME-POST-FERIA-EXPODEFENSA2014.pdf>
- Expodefensa. *Portafolio de servicios feria 2017*. Acessado 17 de junho de 2016. http://www.expodefensa.com.co/wp-content/uploads/2017/03/brochure_expodefensa.pdf
- El Espectador, “Colombia compra 32 tanques inteligentes”, 22 de janeiro de 2015, acessado 15 de junho de 2016. <http://www.elespectador.com/noticias/judicial/colombia-compra-32-tanques-inteligentes-articulo-539417>
- El País, “Polémica em buenaventura por posible dragado del estero San Antonio”, 18 fevereiro de 2013, acessado 30 de outubro, 2016. <http://www.elpais.com.co/elpais/valle/noticias/polemica-buenaventura-por-posible-dragado-estero-san-antonio>.
- Indumil. Acessado 15 de junho, 2016. <http://www.indumil.gov.co>.
- Revista Semana. “¿Cuánto cuesta la guerra en Colombia?”, Infografía, Seção Nação, 17 de setembro de 2014, acessado 17 de junho de 2016. <http://www.semana.com/nacion/articulo/cuanto-cuesta-la-guerra-en-colombia/403122-3>.
- Unidad de Víctimas. Acessado 8 agosto, 2017. <http://www.unidadvictimas.gov.co>.
- Youtube. “Armamento de las fuerzas colombianas 2013-2014”. Acessado 15 de junho de 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=N3zsbKZcqzw>.